

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ALLAN DWAN
3 de Dezembro de 2021

THREE MILLION DOLLARS / 1911

Realização: Allan Dwan / Interpretação: J. Warren Kerrigan (Arthur White), Pauline Bush (Estella), George Periolat (Joseph Close), Louise Lester.

Produção: American Film Manufacturing Company / Cópia: digital, preto e branco, muda com intertítulos em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 16 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

MAN'S CALLING / 1912

Realização: Allan Dwan / Interpretação: J. Warren Kerrigan (John Wallace), Jessalyn van Trump (Mrs. Wallace), George Periolat (o velho Wallace), Louise Lester (mãe)

Produção: American Film Manufacturing Company / Cópia: digital, preto e branco, muda com intertítulos em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 15 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

THE RANCHMAN'S VENGEANCE / 1911

Realização: Allan Dwan / Interpretação: J. Warren Kerrigan (Lorenzo Pedro), Dot Farley (Marie), George Periolat (Manuelito), Gilbert P. Hamilton (Tom Flint)

Produção: American Film Manufacturing Company / Cópia: digital (DCP), preto e branco, muda com intertítulos em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 15 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

THE MORMON / 1912

Realização: Allan Dwan / Interpretação: J. Warren Kerrigan, Pauline Bush.

Produção: American Film Manufacturing Company / Cópia: digital (DCP), preto e branco, muda com intertítulos em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 14 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

THE BLACKENED HILLS / 1912

Realização: Allan Dwan / Interpretação: J. Warren Kerrigan (Jack Upham), Jessalyn Van Trump (Martha Vail), Jack Richardson (Joe Canfield), Louise Lester (a bruxa), Charlotte Burton (Jenny Hart).

Produção: American Film Manufacturing Company / Cópia: 35mm, preto e branco, muda com intertítulos em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 9 minutos, a 18 imagens por segundo / Inédito comercialmente em Portugal.

MAIDEN AND MEN / 1912

Realização: Allan Dwan / Interpretação: Pauline Bush (a rapariga), Jack Richardson (o bruto), J. Warren Kerrigan (o pretendente), Louise Lester (a patroa), George Periolat (o pai).

Produção: American Film Manufacturing Company / Cópia: 35mm, preto e branco, muda com intertítulos em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 14 minutos, 18 imagens por segundo / Inédito comercialmente em Portugal.

THE THIEF'S WIFE / 1912

Realização: Allan Dwan / Interpretação: J. Warren Kerrigan (o xerife), Pauline Bush (a mulher do ladrão), Jack Richardson (o ladrão).

Produção: American Film Manufacturing Company / Cópia: 35mm, preto e branco, muda com intertítulos em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 14 minutos, a 18 imagens por segundo / Inédito comercialmente em Portugal.

Sete filmes de Allan Dwan

Com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo.

Nota: por razões técnicas, relacionadas com os diferentes suportes das cópias que vamos exibir (dois tipos diferentes de cópias digitais e, para os três últimos filmes, película de 35mm), a ordem de passagem dos filmes foi ligeiramente alterada face ao que vem anunciado no jornal mensal da programação.

Depois de **The Mother of the Ranch**, mostrado ontem, com esta sessão completamos o olhar sobre o período absolutamente primordial de Allan Dwan enquanto realizador, o tempo em que ele trabalhou para a American Film Manufacturing Company, uma empresa sediada em Chicago mas com uma equipa de produção em permanência na Califórnia. Dwan trabalhou neste contexto, sempre fazendo o mesmo tipo de filmes, até ao final de 1913, altura em que foi contratado pela Universal e se mudou para Los Angeles (era já, portanto, Hollywood a desenhar-se), onde viria, em 1914, a rodar os seus primeiros filmes de várias bobinas e com uma duração, portanto, condicente com aquilo a que hoje chamamos uma longa-metragem. O ritmo de produção era, neste período, intenso: três filmes por semana, e só não eram mais porque os produtores da AMFC não tinham como escoar mais filmes. Porque, na verdade, e como Dwan contou na entrevista a Michel Mizrahi (que em breve publicaremos, em tradução portuguesa), há boas possibilidades de a rodagem de cada um destes sete filmes (ou pelo menos de alguns deles) ter decorrido inteiramente *num só dia* - “fazíamos três filmes em três dias, e tirávamos folga o resto da semana”.

“One-reelers” como estes sete houve, portanto, às centenas, ou mesmo milhares (é neste período que se sustenta a lenda de Dwan como “realizador de 1600 filmes”, segundo as estimativas mais maximalistas e possivelmente exageradas), e só não empregamos outro tempo verbal (“há” em vez de “houve”) porque uma esmagadora maioria deles se encontra perdida ou, numa forma mais optimista de pôr a questão, não foi ainda (re-)encontrada. Dos filmes desta sessão se pode dizer, por

atacado, sensivelmente o mesmo que se disse ontem de **Mother of the Ranch** – o mesmo modo de fazer, as mesmas virtudes, nomeadamente no que ao aproveitamento do espaço e à integração das figuras humanas nos cenários (por norma, exteriores) diz respeito. Talvez seja possível constatar que essas virtudes exprimem com um pouco mais de exuberância (para não dizer intenção ou premeditação) nos filmes de 1912 do que nos dois filmes de 1911 que integram a sessão (**Three Million Dollars** e **Ranchman's Vengeance**), mas muito francamente isso também pode ser mera sugestão da nossa parte – e o facto é que entrar nesta sessão é como entrar num “continuum” que ultrapassa a questão de se tratarem de sete filmes diferentes, mesmo que as identidades de cada um deles sejam suficientemente vincadas (mormente a identidade narrativa: havia aqui uma imaginação suficiente para não “repetir” histórias, e para encontrar contornos narrativos que dão um sentido diferente, um “pathos”, se quisermos, de características distintas, a certos filmes – como é o caso flagrante das aventuras do casal mórmon em **The Mormon**). Ao mesmo tempo, e sem prejuízo dessa identidade individual dos filmes, o que ressalta mesmo é a qualidade quase “serialista” destes filmes, verdadeiros protótipos (até no uso repetido dos mesmos actores a habitarem a mesma tipologia de personagens) do que viria a ser a prática industrial do cinema americano, uma declinação “prototípica” que complementa, por exemplo, o que conhecemos do trabalho de Griffith (eventualmente desde cedo mais sofisticado, mais “universalista”, do que Dwan, e ambos se encontraria na Fine Arts em meados da década) neste período absolutamente formador da indústria americana, quer em termos de organização da produção quer na progressiva codificação dos filmes produzidos.

Como diria Manoel de Oliveira, uma “viagem ao princípio do mundo”.

Luís Miguel Oliveira